

B

*no* *Sup. Antiquário da Cunha e Filhos*

° 6.884

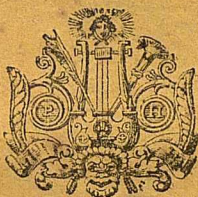
° 10.509

# LUCUBRAÇÕES

D'UM ARTISTA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1860

era

erle

LIBRARY

UNIVERSITY

1870

1870

B  
6.884

# LUCUBRAÇÕES

## D'UM ARTISTA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA



22 JUN. 1944

R: 10.509

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1860

LUCYBAYCOES

DEW ANSIA

ANTONIO F. AND CO. BARRA



ANTONIO  
BARRA

*Compra*

AO

ILLUSTRÍSSIMO E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

**DR. ANTONIO DE CARVALHO COUTINHO E VASCONCELLOS**

BACHAREL FORMADO NA FACULDADE DE DIREITO  
DOUTOR NA DE PHILOSOPHIA  
E DEPUTADO ÀS CÔRTEZ

EM TESTIMUNHO DE GRATIDÃO

**O.**

O Auctor.

Mar e terra, ar e ceu, tudo lida;  
Deus a todos poz luz e deu mãos:  
Lei suprema o trabalho é na vida:  
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!

A. F. DE CASTILHO.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

A bondade com que V. Ex.<sup>a</sup> me tem tractado e recebido em sua casa, por espaço d'annos, tem-se convertido' numa especie d'empreslino que contrahi, e á conta do qual, venho agora com o maior gôsto dar este pobre fructo de minhas vigílias.

Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> de o receber, e de desculpar ao mesmo tempo tão fraco offerecimento.

Sou de V. Ex.<sup>a</sup>  
criado e muito obrigado

*Antonio Francisco Barata.*

THE  
MUSEUM  
OF THE  
CITY OF BOSTON

RECEIVED OF THE  
MUSEUM OF THE CITY OF BOSTON  
THE FOLLOWING  
SPECIMENS OF  
PLANTS

COLLECTED BY  
DR. J. S. HITCHCOCK

IN THE  
MOUNTAINS OF  
MEXICO

AND  
OTHER PLACES



## DUAS PALAVRAS

---

O auctor d'este pequeno livro não tem grande cabedal de conhecimentos que lhe podessem servir de pedra fundamental a seus escriptos: baseia-os unicamente na leitura que tem feito de diversos livros, por espaço de sete ou de oito annos.

É por isso que este opusculo não só conterá defeitos, senão erros.

Como, infelizmente, para a classe a que o auctor pertence, a leitura não é o seu melhor passatempo nas horas em que o corpo folga da arduidade do trabalho, estes seus escriptos deverão merecer das pessoas que o conhecem completa absolvição a suas faltas.

Quanto áquelles que o desconhecem, o auctor appella para a benevolencia de cada um; e o que a não quizer ter para com elle, que o julgue como entender.

Coimbra, 24 de Setembro  
de 1860.

THE FAYERS

The first part of the book is devoted to a description of the various species of the genus, and to a discussion of their habits and distribution. The second part is a monograph on the life history of the genus, and the third part is a monograph on the life history of the genus.

London, 1871.

# LUCUBRAÇÕES

GOES

AO MEU AMIGO E COMPANHEIRO DE INFANCIA

JOSÉ RAMOS NOGUEIRA

Esta é a ditosa patria minha amada.

CAMÕES

## I

Quem ha ahi, que ausente da terra em que nasceu, longe do solo onde deu os primeiros passos, respirando outros ares que não aquelles, que lhe receberam primeiro as queixas infantis, depois as ainda mal formadas palavras; quem ha ahi, que não sinta saudades, que não lembre tanto esses logares?

Quem ha, que não recorde sempre a igreja da sua terra, com a sua porta avermelhada, com os sinos lá em cima, que tanto fizeram na infancia as suas delicias; com o velho cypreste do adro, condensado asylo dos passarinhos; com o animado conversar dos velhos alli



assentados ao sol do inverno; com o descuidoso brincar dos meninos, que ora lhe escutam esta ou aquella oração, ora brincam innocentes com a branca ovelhinha que socegada pasce a curta relva do adro; quem não sente arrobar-se-lhe o coração d'amor por esses sitios, lembrando o formoso pôr do sol em tarde estiva, e o tão poetico, o tão saudoso signal das *Ave-Marias*?!

Depois, quem não recorda, como eu, saudoso, a tranquillidade chegada dos trabalhadores, a quem o echo dos valles levou ao longe o toque das trindades, o signal do fim do dia?

Quem ha, que não tenha presentes na memoria estas deliciosas scenas, em que as pastoras vêm conduzindo os seus rebanhos ao mavioso som de seus cantares, e o manto da noite vae cercando a aldeia com o seu silencio, com as suas trevas? E depois milhões e milhões de estrellas brilhantes, vigiando lá do alto o pacifico logar?...

Formosas lembranças do meu viver de criança, deixae-me!

Deixae-me, que nunca vos esqueci no tumultuoso lidar da afanosa vida!

Deixae-me, e que eu possa dizer em meu último momento:

«Terra da minha patria, abre-me o seio!

«Breve espaço occupa o cadaver d'um filho,

«E eu fui teu filho...»

Comprazo-me em dedicar ás antiguidades da minha terra este pequeno artigo. Á mingua de noticias e de livros, em que se possam encontrar, acanhado sahirá, mas nascido do coração, inspirado por elle! Acreditaes-o, amigo, a quem consagro estas linhas; crêde-o vós tambem, bom velho, sancto martyr da liberdade, que, com vossas sábias lições, benevolo me apontastes a estrada das lettras.

## II

Antes de 1139, anno em que fôra acclamado rei de Portugal D. Affonso Henriques, já existia, entre as serras do Rabadão e Carvalho, uma povoação com o nome de Goes.

D. Anião Estrada <sup>1</sup>, fidalgo asturiano, companheiro nas armas do conde D. Henrique, foi quem a povoou; e, pelos annos de 1170, D. Affonso Henriques o constituiu seu verdadeiro senhor.

Possuiram-na os seus descendentes com o appellido *Goes*; e um d'elles, Vasco Pires Farinha, ahi formou um grande morgado, que, por casamento, veiu aos Silveiras, condes de Sortelha.

Seguros quatrocentos annos não passou Goes d'uma obscura aldeia; até que, em 1526, el-rei D. Manuel lhe deu foral, por sentença da nova Relação de Lisboa, de 20 de Maio.

Goes é, pois, contemporanea da monarchia portugueza, e, se tem foros de maior antiguidade, lá estão escondidos no pesadissimo manto do passado.

E, de facto, esta villa, como todas as terras, tem suas superstições e suas crenças; e é especialmente pelas primeiras que ella arroga a si foros, senão d'uma antiguidade fabulosa, pelo menos de ter sido fundada por mouros ou romanos<sup>a</sup>.

É verdade que ao mais leve sôpro da rasão tudo se desfaz, tudo desaparece.

Até aqui tem-nos guiado a historia; desçamos agora a fallar dos monumentos d'esta villa, de quem ella pouco ou nada nos conta.

Goes tem uma ponte de trez arcos sôbre o rio *Ceira*, que alli passa; e, quanto á sua fundação, evidentemente se mostra que fôra mandada fazer por el-rei **D. Manuel**, como claro o dizem as espheras de suas armas entalhadas no arco do meio.

Entrando-se na villa pela ponte, vê-se, da parte esquerda, os restos d'um magnifico palacio, que fôra de **D. Nuno Martim da Silveira**<sup>3</sup>, e que actualmente pertence ao marquez d'Abrantes.

Subindo-se a *rua da Ponte* entra-se na *Praça*, onde inda hoje se vê a casa, que serviu de hospital. Não é conhecida a sua fundação; crendo-se comtudo que começára por uma albergaria, instituição benefica d'um Prior d'alli; e que mais tarde o marquez d'Abrantes,

senhor de Goes, a converteu em hospital permanente, dando-lhe uma parte de suas rendas em várias terras da Beira, sendo em dizimos, oitavos, jugadas, e mesmo rendas do seu morgado. Este hospital admittia setenta e cinco doentes por anno, em cinco turmas, trez pela Paschoa, e duas pelo S. Miguel, constando cada uma de quinze doentes. Tinha além d'isto uma enfermaria particular para os syphiliticos, e foi de certo por esta enfermaria que este hospital grangeou o nome, que tão conhecido o fez.

No centro da villa tambem existem os restos desmantellados d'outro antigo palacio. Mal apreciando nós outra versão que ha a respeito da sua antiguidade e destino, diremos que pertencêra tambem ao mesmo marquez d'Abrantes; porque sería talvez pouco logico suppôl-o um d'esses castellos guerreiros do principio da monarchia, estando elle situado n'uma planicie, e não tendo, de mais a mais, aquelle exterior que tinham os castellos d'então, como altas ameias, em vez de janellas, seteiras, e a sua torre albarrã, mais alta que os cubellos dos pannos de seus muros.

Mas, pois que fallámos de castello, perguntaremos: que quererá dizer o *Nobiliario do conde D. Pedro*, quando diz que—D. Thereza e o infante D. Henrique, seu filho, doaram o castello de Goes a Arnaldo Vestariz e a sua mulher Hermizenda, em 1110? Onde estaria este castello? Seria no logar em que hoje vemos

a ermida, de que já fallámos na primeira nota? Parece-nos que sim; e tanto mais que as paredes da capella parecem estar erguidas sôbre outras mais largas e mais antigas; e mesmo em volta da capellinha, e ainda sôbre o monte, ha campo de sobejo para alli poder ter existido esse castello, a darmos credito ao *Nobiliario*.

Verdade é que tudo isto são conjecturas, e que as mais cerradas trevas nos occultam as cousas d'esses tempos.

Falta-nos fallar da egreja matriz. A sua capella-mór, cuja architectura gothica a faz recommendavel, contrasta grandemente com o corpo da egreja, agora feito de novo.

Guiados apenas por probabilidades e analogias (pois que outros dados não temos), chamar-lhe-hemos contemporanea de Sancta Cruz de Coimbra, e, consequentemente, coeva da nossa monarchia. E, mencionando um arco <sup>s</sup> aberto na parede da capella-mór, do lado da epistola, arrendado ao modo dos tumulos de D. Afonso Henriques e d'el-rei D. Sancho I, seu filho, na capella-mór de Sancta Cruz, somos levados a crer, que esta obra tem os seus trez seculos e meio de existencia, como os tem tambem essa obra de D. Manuel, acima mencionada <sup>6</sup>.

Pouco mais temos que acrescentar ao que ahi fica.

Achâmos na *Chorographia* do Padre Antonio Car-



valho uma notavel desinencia. O epitaphio do conde de Sortelha, D. Nuno, de que hemos fallado, chama-va-lhe escrivão da Puridade d'el-rei D. Affonso V; e a *Chorographia* mencionada, escrivão da Puridade, mas dos reis D. João I e D. Duarte. A menos que o conde não vivesse os seus cem annos, esta divergencia é um êrro.

Diz mais o citado livro:—Goes está situada em um tão fundo valle, que rarissimas vezes alli dá o sol!

Quando foi que o magnifico astro deixou de enviar os seus beneficos raios, o seu almo calor, ás fertes terras de Goes? Nós, que a elle nos aquecemos doze annos, nós, que tantas vezes o saudámos, quando elle apparecia no cimo do Rabadão e á tarde desaparecia do lado opposto, taxámos de inexacto aquelle dizer da *Chorographia*.

Concluiremos esta limitadissima noticia escrevendo aqui o nome do exc.<sup>mo</sup> sr. Manoel Lourenço Baeta Neves.

Patricios! Qual de vós não conhece este nome? Nenhum.

Inspirado pelo sancto amor da patria, o sr. Baeta Neves tem feito grandiosos serviços aos concelhos de Goes e Pampilhosa, com as cadeiras de instrucção primaria, que instituiu e dotou, e com as que promoveu. Graças a elle, Cadafaz, Corte Redor e Praças, derramam hoje a instrucção por seus filhos.

Era grande a necessidade d'uma ponte, que communicasse os habitantes da Cabreira com os das Relvas, e demais terras da margem esquerda do rio; e aquelle cavalheiro mandou fazer á sua custa essa ponte.

A fonte de Goes, fonte de fresquissima agua, desfazia-se com o pêso dos annos; e este generoso patricio mandou fazer alli um formoso chafariz!

Honra e louvor vos seja, benemerito portuguez, que lá da America tantas provas nos daes do vosso amor por este solo abençoado, por esta terra, que vos viu nascer, que vos é tão chara!

Coimbra, 9 de Março de 1860

<sup>1</sup> Foram seus filhos: D. João Anião ou Aniano, bispo de Coimbra, Martim Anião, que foi alcaide da mesma cidade, e Maria Anião.

<sup>2</sup> D'essas crenças e tradições lembram-nos um pedregal que existe no sítio chamado a *forca*, e que dizem ser os restos da antiga povoação mourisca; e as ideias que se associam ao *castello*, pequena ermida sôbre uma eminência, que fica sobranceira á villa, na margem esquerda do rio *Ceira*. Pensam muitos que, quando os mouros acosados pelos christãos eram obrigados a abandonar as suas terras, escondiam sob o chão os seus thesouros, na esperança de mais tarde os possuirem. O povo accrescenta mais, que essas riquezas eram mettidas em um caixão de pedra, hermeticamente fechado e perfeitamente igual d'outro que lhe ficava ao pé, cheio, não de joias, mas de peste! e que os mouros (a quem o povo, em sua grande ignorancia, attribuia poderes infernaes), para que os christãos se não apoderassem da sua fortuna, tinham a feliz lembrança de a esconder assim.

<sup>3</sup> D. Nuno Martim da Silveira, conde de Sortelha, foi escrivão da Puridade d'el-rei D. Affonso V, e senhor de Goes. Na capella-

mór da matriz d'esta villa, em sepultura rasa, jazem os seus restos, como se collige do letreiro que alli se lia. Hoje apenas se conhecem as primeiras letras d'esse epitaphio, que ha dezeseis ou dezoito annos ainda se podia ler bem. Se nos é fiel a memoria começava assim:

AQUI JAZ D. NUNO MARTIM DA SILVEYRA,  
 ESCRIVÃO QUE FOI DA PURIDADE  
 DE EL-REI D. AFFONSO V, E SUA MULHER, ETC.

<sup>4</sup> E o de *Berdueiro* (Pombeiro, ou Bordeiro, insignificante logar ao norte de Goes?).

<sup>5</sup> Neste arco vê-se um guerreiro de joelhos e mãos erguidas: vestido á maneira dos nossos antigos soldados, está coberto com a bellica armadura d'esses tempos: o capacete tem-no adiante de si, e as manoplas dependuradas do lado esquerdo. É de tamanho natural e representa, como dizem, o conde D. Nuno Martim da Silveira.

<sup>6</sup> É bem sabido que os tumulos dos nossos dous primeiros reis são obra de D. Manuel.

<sup>7</sup> O primeiro officio em materia de apurar papeis: tinham em seu poder, aquelles que o exerciam, o molde da firma do rei, com que se assignavam, e era de grande valia pela intimidade que tinham com elle, e pelo muito que podiam na expedição das mercês.

## SAUL

ANTES DO ULTIMO COMBATE <sup>1</sup>AO ILL.<sup>mo</sup> SR.

MANUEL LOURENÇO BAETA NEVES

OFFERECE

COMO UMA DAS SUAS PRIMEIRAS COMPOSIÇÕES.

— Guerreiros, ainda que a morte,  
 Pondo termo á minha sorte,  
 Me roube a vida sem dó,  
 Coragem! marchae ávante!  
 Ganhae combate brilhante,  
 Prostrae a todos no pó!

Se eu cair no chão sem vida,  
 Se a batalha fôr perdida...  
 Ávante sempre marchae!

Vencei os filhos de Gath,  
 Dae-lhes morte sem resgate,  
 As entranhas lhes cravae.

E tu, meu valente pagem,  
 Cheio de brio e coragem,  
 Dá-me a morte sem piedade,  
 Se os meus soldados briosos  
 Se acolherem temerosos  
 Ao pendão da falsidade.

Guerreiros! um adeus sentido..  
 Porque, se hoje fôr vencido,  
 Com meu filho morrerrei:  
 Se não cantar a victoria,  
 Ao menos com honra e gloria  
 Meu reinado acabarei!

—  
 E Saul manda que chamem  
 Quem futuros saiba ler;  
 E ante si já tem a fada,  
 Que os destinos vae dizer:  
 —Mulher, faz co'o teu encanto,  
 Que, involto no regio manto,  
 O propheta possa ver.

E a Sybilla evoca as cinzas  
 De Samuel ao passado:  
 E Saul treme e descora,  
 Immovel fica aterrado:  
 E o exército vê e pasma  
 Sahir da terra um fantasma,  
 Por branca nuvem cercado!

Vem a sombra do propheta,  
 Com alvo manto vestido;  
 Os olhos quêdos, vidrados,  
 O corpo firme e erguido...  
 As mãos sêccas e myrradas,  
 Em parte já descarnadas...  
 Tudo, tudo traz perdido.

Seus labios, sem movimento,  
 Apenas podem soltar  
 Estas palavras medonhas,  
 Que a todos vêm aterrar:  
 —Prostrado Saul o encara,  
 Como um cedro que tombára  
 P'ra não mais se alevantar:

«Para que meu somnò eterno —  
 «Assim vindes despertar? —  
 «Quem é que tem o imperio

«Dos mortos vir acordar?

«Serás tu, ó potentado,

«D'Israel desafortunado,

«A quem eu vou condemnar?

«Saul, no mundo das trevas,

«Sem vida, breve serás:

«A David pertence o reino,

«Com teu filho morrerás:

«Adeus! mas só por um dia...

«Que amanhã na campa fria

«Para sempre dormirás.

«Por premio dos teus peccados

«Tens o castigo dos céus!

«Hoje acaba o teu reinado,

«Tu serás dos Philisteus...»

—Espantosa realidade!

É Saul na eternidade,

Com todos os filhos seus.

Coimbra, 1853

<sup>1</sup> Imitação d'uma traducção em prosa franceza das Harmonias Hebraicas de L. Byron.

## CHARADA

A primeira que se expõe,  
 Não é mais nem outra vez;  
 Mas tem a força d'um número  
 Sem ser dez, nem seis, nem trez. 1

'Nesses tempos que passaram,  
 Zombava d'acção da lei:  
 Dava abrigo a certos homens,  
 Não mandavá alli o rei. 2

Vegetal na primitiva,  
 Bem o sabe qualquer home';  
 Agua e fogo dão-lhe a fórma,  
 E ha quem diga que se come.



## A SÉ VELHA DE COIMBRA

Que de fois à vos pieds, m'asseyant en silence,  
 J'évoque autour de vous tout cet amas immense  
 De generations, de peuples, de heros,  
 Que le torrent de l'âge emporta dans ses flots.

DELILLE

Monumento de respeito,  
 Templo augusto do Senhor,  
 Tu fazes sentir no peito  
 Saudades, crenças e amor;  
 E os séculos por ti passando,  
 Que tudo em pó vão levando,  
 Rev'rentes te irão poupando,  
 Da nossa crença em penhor.

Já tismadas pelos annos,  
 Já negras, já carcomidas,  
 Essas pedras são arcanos  
 De cousas não conhecidas!  
 Zombando do tempo e sorte,

És dos templos o mais forte;  
Tens mais poder, do que a morte,  
Nessas muralhas erguidas.

À sombra tens campeado  
De dois contrarios pendões;  
E ainda és hoje admirado  
Aqui por muitas nações:  
E, vivendo, és a historia  
D'esses bons tempos de gloria,  
Que nos trazes á memoria  
Um milhão de gerações!

Aos ventos e ás tempestades  
Altivo te tens mostrado;  
E, monarcha das edades,  
És o livro do passado!  
Herança do falso mouro,  
Tens mais valor do que o ouro,  
És o mais rico thesouro,  
Que os homens têm conservado!

Oh! não venha a mão profana,  
Que tudo faz em pedaços,  
Por seres moura ou romana,  
Contra ti erguer os braços:  
Que te conserve, qual muro

Sôbre ruínas bem seguro,  
 Que vá mostrando ao futuro  
 Do nosso viver os traços.

O teu vulto denegrido,  
 Bem inspira adoração!  
 Guerreiro nunca vencido,  
 És um bravo campeão!  
 Que importa já velha a frente?  
 Contra o teu braço valente  
 É fraco, é impotente,  
 Da tormenta o furacão.

De noite, silencioso,  
 D'altas ameias c'roado,  
 Tu semelhas magestoso  
 Um castello bem guardado:  
 E o teu zimborio gigante,  
 Que alto se eleva arrogante,  
 Nos hombros do velho Atlante  
 Parece estar sustentado!

Nasce o sol; dourado e quente,  
 Vem tua frente beijar!  
 Mensageiro do oriente,  
 De longe te vem saudar!  
 E á noite, quando já nua,

No firmamento fluctua,  
 Homenagem, meiga a lua,  
 Aqui te vem tributar!

Tua origem é 'scondida  
 Do tempo no véu pesado;  
 Debalde a mente atrevida  
 Já por vezes tem luctado!  
 E o pensamento perdido,  
 Só alcança o conhecido,<sup>3</sup>  
 E vae achar confundido,  
 Como o futuro, o passado!

Embora! forte gigante  
 Arrostarás o porvir!  
 Amanhã o sol brilhante  
 Aqui te virá sorrir!  
 E os sec'los por ti passando,  
 Que tudo em pó vão levando,  
 Rev'rentes te irão poupando,  
 No pó não has de cair!

1856

<sup>1</sup> Allude-se á nossa religião e á dos mourões, que, como geralmente se crê, alli teve culto em mais remotas eras. A historia parece confirmar esta fé; porque, já quando, em 1064, de Christo, Fernando Magno de Castella com a cidade a tomou aos sarracenos, de sua mes-

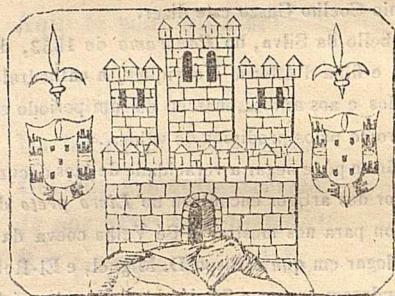
quita, que então era, a converteu em templo christão, sob a invocação de Sancta Maria.

É de Antonio Coelho Gasco este dizer.

<sup>a</sup> O sr. Rebello da Silva, no *Panorama* de 1853, diz: «Collaça da monarchia e filha d'Affonso Henriques, a cathedral, se não remonta aos godos e aos arabes, nasceu em um periodo sagrado pela victoria, e heroico pelos prodigios de valor...»

De facto, não se póde negar a veracidade de taes documentos como os que o auctor dos artigos encontrou no *Livro preto* da Sé, e nos quaes se baseou para nos mostrar a Sé Velha coeva da monarchia. Comtudo, no logar em que o Bispo D. Miguel, e El-Rei D. Affonso Henriques mandaram erguer a Sé, já anteriormente existia esse templo christão de que já fallámos, sob a invocação de Sancta Maria: dizem-no varios auctores respeitaveis; e, o facto de ser Sancta Maria a padroeira da Sé, prova até certo ponto a transmissão do orago, e portanto a existencia tambem d'uma egreja christã.

<sup>a</sup> O auctor refere-se 'neste verso ao tempo em que a historia nos falla do templo pela primeira vez, e nos seguintes, á noute dos seculos.



## MONTE-MOR O VELHO<sup>1</sup>

Dando nós com a presente gravura uma cópia das armas de Monte-Mór, quizeramos com ella dar tambem sua significação e mostrar sua origem.

Entremos pelo passado, e vejamos o que por lá se encontra a tal respeito.

Brigo, pelos annos 1900 antes de Christo, mandou edificar Monte-Mór a quatro leguas ao noroeste de Coimbra, e lhe deu o nome de *Medrobriga*. Dous mil e setecentos annos assim foi chamada, até á invasão dos Arabes na Hespanha em 714. Invasida a Hespanha, propriamente dicta, e com ella Portugal, com quem, ora se chamava Peninsula Iberica, ora Iberia só, ora mesmo desligando-se para ficar sendo Hespanha<sup>2</sup>, e

Portugal a Lusitania <sup>3</sup>, todas as suas terras foram por força ou por vontade accitando o jugo Arabe.

Em poder dos sarracenos esteve até 848, em que D. Ramiro I de Leão a conquistou aos mouros, dando-lhe por governador o famoso *abbade João*, seu parente mui proximo <sup>4</sup>.

Cento e quarenta e oito annos mais acabavam de engrossar o grande vulto do passado, quando Almançor, em 996 ou 997, a destruiu completamente <sup>5</sup>. Volveram annos, e depois um copioso exercito, capitaneado por Benafalgi, alevantou seus muros, e converteu Monte-Mór em pesado captiveiro dos christãos de Coimbra, com as contínuas e obstinadas correrias com que os atacava. Facillimo é de ver as grandes perdas, e mais ainda os damnos dos christãos de Coimbra, e tambem a boa vontade que teriam de libertar os seus formosos campos da escravidão mourisca.

Longe não vinha já o seu ultimo dia mouro! Em Janeiro de 1064 começaram a chegar a Coimbra os soldados de Fernando Magno de Castella, Aragão, e mais tarde de Portugal, e com elles vinha a liberdade a Monte-Mór. A liberdade... não, vinha a sua completa ruina, porque D. Fernando mandou, que não ficasse alli pedra sôbre pedra, para os mouros a não levantarem mais.

Oitenta e oito annos, Monte-Mór, essa terra dos sarracenos, que tão airoza se mirava nas claras aguas

do Mondego, que tão fortes mostrava seu castello e seus muros, serviu de morada ás feras, e de sudario aos pobres que a habitaram!

Mas, Monte-Mór, com alternativos senhores, já tinha vivido 2988 annos, já tinha com o correr dos seculos adquirido fóros de nobreza, e direitos de existencia; mas de existencia moderna, mas de existencia christã e civilisada!

Reinando na Hespanha Affonso VI, e tendo o governo de Portugal o conde D. Henrique, este mandou erguer e povoar de novo Monte-Mór, ajudado do conde D. Sesnando.

E ahi a tendes queimada pelo sópro dos annos, a filha do conde D. Henrique! Ahi a tendes sem muros, indefensa, e com os seus paços reaes dismantelados, saudosa recordação da infancia portugueza, e seguro abrigo de morcegos e corujas! É o destino das cousas, é o perigeu da grandeza.

Monte-Mór tinha assento em côrtes no banco quinto; e a suas terras, por haver sido senhora de Monte-Mór D. Branca, irmã de D. Diniz, e terem sido patrimonio já d'outras infantas e infantes, se lhes chamavam *terras do infantado*.

Eis aqui em curto espaço, o que a respeito de Monte-Mór colhemos. Falta-nos, porém, fallar de suas armas, que na estampa mostrámos. Não lhe podémos achar a origem nos livros que para tal fim consultámos; ape-



nas, na *Chorographia Portugueza* do Padre Antonio Carvalho, achámos—tem por armas as reaes<sup>6</sup>.

Com quanto sejam armas reaes, tem mais alguma cousa o brazão de Monte-Mór. Como, ou porque tem, entre os dous escudos d'armas portuguezas, um castello sôbre um monte, por conjectura, parece-nos que será em lembrança do castello que hoje alli vemos em ruinas, cuja fundação, como já mostrámos é portugueza, e feita sôbre os restos do castello dos mouros. Ora, as duas flores de liz que se vêem sôbre os escudos reaes, é que nós não sabemos<sup>7</sup> porque alli estão.

E assim concluímos este pequeno trabalho, ou antes esclarecimentos mais a respeito de Monte-Mór, do que de suas armas.

Bom fôra que algum filho seu se encarregasse de bem averiguar o que nós apenas tocámos pela rama, para acompanhar a publicação da gravura, que, por curiosidade, fizemos haverá cinco annos.

Coimbra, 23 de Março de 1860

<sup>1</sup> É tradição viva em Monte-Mór, que a origem do seu nome é a seguinte: disputando primasias e grandezas os habitantes de Maiorca aos de Monte-Mór, costumavam dizer-lhe: — *maior*, *maior cá* (por corrupção Maiorca); e que os de Monte-Mór respondiam — *muito maior* (corrupção tambem de Monte-Mór). Como quer que seja, isto não passa, a nosso ver, d'uma leve conjectura, tirada da grande analogia que tem Maiorca e Monte-Mór com as suppostas origens.

<sup>2</sup> Não será fôra de proposito darmos aqui a origem da palavra

Hespanha. A. Herculano diz que vem da palavra phenicia *Span*, com a duplicada significação de *occulto* ou *coelho* (talvez por alli se acharem muitos coelhos); o que tem dado materia ás dissertações dos eruditos.

<sup>3</sup> Lusitania, tem a mesma origem phenicia: vem de *Luz* (amendoas) talvez *luzi* cheio d'amendoeiras. A. Herc.

<sup>4</sup> *Chorographia Portugueza*.

<sup>5</sup> Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*.

<sup>6</sup> São as armas reaes portuguezas, na verdade. Têm no centro as cinco quinas que D. Affonso I mandou pôr em seus escudos em fórmula de cruz, lembrando a cruz do Redemptor, e ao mesmo tempo as cinco chagas; mas têm em volta oito castellos que D. Affonso I não usou. Na *Memoria das moedas correntes em Portugal*, a pag. 56 encontramos uma *Barbuda*, moeda de D. Fernando, tendo no meio as quinas portuguezas, e em volta os oito castellos. Topamol-os de novo em D. João I, e ahi não só os oito castellos, senão ainda as flores de liz que se vêem sôbre os escudos. D. João I, como mestre d'Aviz, foi o primeiro que usou das flores de liz em suas armas. De modo que, podemos suppor que estas armas foram dadas a Monte-Mór por D. João I, não obstante acharmos antes já os oito castellos nas armas portuguezas, 'num leal de prata de D. Fernando, 'numa moeda d'ouro do mesmo rei, 'noutra moeda do mesmo metal de D. Duarte, nas armas d'el-rei D. Diniz, e no sello d'uma doação que D. Affonso III fez a Martim Fernandes, mestre d'Aviz.

<sup>7</sup> Porque não temos á mão mais livros que a tal respeito possamos consultar, e porque talvez no cartorio da camara d'aquella villa se encontrem melhores esclarecimentos, deixámos esse trabalho a algum curioso de taes cousas, que, bom grado seu, queira compulsar velhos codices e antigos pergaminhos. A Torre do Tombo seria fonte limpa.

## A MORTE

DA EXC.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup>

D. MARIA CANDIDA G. G. DE VASCONCELLOS

Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;  
O digno de chorar-se, as musas chorem.

BOCAGE

Em seu gyro fatal o tempo gasta,  
De um peito dolorido, atra saudade.  
Ai, mas não! renegára trahindo a lyra  
O vate, que pulsando-a entristecido,  
Seus luctuosos sons, ledos tornasse,  
E não fosse carpir co'a mãe chorosa,  
Com os tristes irmãos inconsolaveis,  
E, partilhando a dôr, gemer com elles:  
E com elles, cubrir-lhe de perpétuas  
A campa, que ao porvir seu viver mostra;  
E a predilecta sua, a maga lyra,  
Que o cantor de Camões chorou, mostrando  
Que, em seu gyro fatal não gasta o tempo,  
De um peito dolorido atra saudade.

«Dias d'aurea existencia! oh puros dias!»  
 Que, innocente passaste com as flores  
 Tão lindas como tu, nos verdes campos,  
 Cheia de vida e prazer, de vós que é feito?!  
 Perdel-os para sempre era o teu fado.

Chorae quem vos cantou, *Rosas de Maio!*  
 Deus, saudade e amor, jámais per ella  
 Cantados têm de ser, na terra ao menos.  
 O seu plectro, afinado p'los dos anjos  
 No côro celestial, o Eterno louva:  
 E lá mesmo, talvez que não esqueça  
 Tudo o que tanto amou, familia cara,  
 Que em lagrimas deixou, em ais, em luto,  
 E que saudosa fica eternamente:  
 Pois no gyro fatal não gasta o tempo  
 De um peito dolorido atra saudade.

Dá sorte contra as leis, que val' o genio?  
 Se é certo que sem fim, não ha principio!

Virgem, quiz o Senhor fazer-te martyr:  
 E que tinhas no céu logar de sancta,  
 Elle mesmo ordenou, que a terra o visse.  
 Morrendo sem pesar deixaste o mundo,  
 Porque entravas no céu, d'onde eras vinda.

- Oh! meu Deus, que mysterio que é a vida!  
 — Com gemidos e pranto, nasce o infante:  
 — Recebem-no a alegria, o amor e os beijos.  
 Depois, vae-se do mundo sem saudade,  
 (Quando como tu, casta donzella,  
 Viveu, sendo do céu, em terra alheia).  
 Deixa, quem o acolheu contente e alegre,  
 Em lagrimas, em ais, em dôr vehemente.  
 — E no gyro fatal não gasta o tempo,  
 De um peito dolorido atra saudade.

Morre o grande, o pequeno, o rico e o pobre:  
 E se d'elles algum foi virtuoso,  
 Esse, zomba do nada, e deixa um nome;  
 O dos outros, seu fim, no olvido encontram.  
 Os homens de saber não morrem nunca.  
 Porque altos mausoleos, que arrostam sec'los,  
 D'alguns são p'ra mostrar acções briosas.  
 Outros, das gerações no livro immenso,  
 Bem souberam gravar maximas sanctas,  
 Que hão de eternisar seu nome e gloria:  
 E em seu gyro fatal não gasta o tempo,  
 De um peito dolorido atra saudade.

Os ais da cara mãe, a dôr fraterna,  
 De tua campa serão socios perpétuos;  
 E este meu pobre canto de saudade,  
 Humilde o irei depôr na funerea urna.

Na terra só cantar foi teu destino,  
 Dando respeito a amor, culto á virtude,  
 —O teu viver no céu será cantando.

Traspassando os portaes da eternidade,  
 O teu final olhar e ancia extrema,  
 Virgem, não podia ser senão um hymno!  
 Do nada na mansão talvez tua lyra  
 No ar espalhados sons deixasse ainda,  
 P'r'as gerações mostrar que vivem ora,  
 Que em seu gyro fatal não gasta o tempo,  
 De um peito dolorido atra saudade.

21 de Setembro de 1857

---

O homem nasce para pagar ao mundo, o tributo  
 que á primavera paga a rosa; depois, como ella, sécca  
 e morre: e cá fica o mundo para receber das gerações,  
 que as mortas deixam, este feudo eterno e incompre-  
 hensível de tantas e tantas vidas!...

## A MR. HERRMANN

POR OCCASIÃO DO BENEFICIO

DADO AOS

ASYLOS D'ESTA CIDADE

Gloria a Deus! dizem córos d'archanjos,  
 Nas alturas ao pé do Senhor;  
 Gloria a Deus! dizem pobres meninos  
 Em ti vendo tão bom protector.

Aos que provam na terra a desgraça,  
 Aos que a sorte mais nega seus bens;  
 Deus do céu com seu braço clemente  
 Lhes ampara do mundo os vaivens.

Olha além a velhice saudosa,  
 Bemdizendo o teu nome e valor;  
 E ajunctando aos louvores da infancia,  
 Os seus votos do mais sancto amor.

Herrmann vem, circundado de gloria,  
 Dar consolos a quem só tem ais;  
 Percorrendo do mundo as devezas,  
 Enfeixar benções mil dos mortaes.

Gloria a Deus! dizem córos d'archanjos,  
 Nas alturas ao pé do Senhor;  
 Gloria a Deus! dizem pobres meninos,  
 Em ti vendo tão bom protector.

Coimbra, 8 de Dezembro de 1839

---

## AOS QUE FESTEJAM ANNOS

A meu ver a sua idade,  
 Ninguem deve festejar,  
 Porque é loucura ao passado,  
 Cantos, risos, ir votar:  
 Deixae lá correr os annos...  
 E dos crueis desenganos,  
 Aproveitae co'a lição;  
 Que um anno que por nós passa,  
 Leva a belleza e a graça,  
 Traz velhice ao coração...



## ALLEGORIA

... elle était du monde où les plus belles choses  
 Ont le pire destin;  
 Et rose elle a vécu ce que vivent les roses  
 L'espace d'un matin.

MALHERBE

## II

## I

Sentei-me um dia triste e pensativo á beira d'um  
 regato ameno.

Ambas as margens eram como paredes de conden-  
 sada rama, que ao ribeiro davam frescura, encobrin-  
 do-o mesmo ás vistas do céu.

E assim absorto em profundo meditar, affigurou-  
 se-me ver ao longe uma figura de mulher vestida de  
 branco:

Era uma donzella, linda como a açucena, brilhante  
 como as estrellas, singela como o lirio do valle.

E o seu andar era airoso como o da gazella:  
 Trazia na mão direita um vaso que encheu de agua  
 no fresco arroyo:

E d'alli perto viviam duas flores; eram um cravo  
 e uma rosa: a mesma terra as nutria a ambas, o calor  
 de Julho as murchava, e a lympha do mesmo regato  
 lhes mitigava a sêde.

E a donzella d'alvas roupas regou as flores, que lan-  
 guesciam:

E rápida desapareceu, como o brilhante globo de  
 sabão, que o menino fez com um sôpro.

## II

Depois, um cardume de mariposas alli as veio beijar:  
 Mas entre ellas vinha uma de negras côres... e bei-  
 jou a rosa...

Subito, a flor pende a frente, emmurchece, desceora  
 e morre...

E o cravo soffreu tambem: tombou na hastea sôbre  
 a flor sem vida.

Pobre flor!... perdida!... e para sempre!...

## III

No logar aonde esteve a rosa, nasceu logo a rôxa saudade, e a seu lado cresceu tambem a auriperpetua, flor dos mortos; os goivos e o myrto alli se viam.

E o cravo era acompanhado agora por esses tristes symbolos do nada!...

Só a donzella d'alvas roupas não apparecia:

Mas lá vem, lá vem prasenteira e risonha ainda a jardineira da morta flor!

E a seu lado vem tambem outra mulher;

Mais idosa que a primeira, mas tão linda e tão formosa como ella.

Uns longes de tristeza misturada com um sorrir angelico, davam a seu rosto o mais irresistivel attractivo.

Chegaram juncto á flor, e de mãos dadas alli se assentaram.

## IV

Joelho em terra e oremos.

A donzella cuja morte prematura vimos, foi S. M. D. Estephania, princeza d'Hohenzollern Sigmarigen, rainha de Portugal e dos Algarves.

A donzella de branco, a esperanza immortal, esse bem do céu, que nos adoça o agro d'esta vida.

A outra mulher, a consolação; e o cantico das aves, póde symbolizar o povo portuguez, que, com tantas festas e folgares, a recebeu e a acatou rainha; modêlo d'esposas na amisade conjugal; de rainhas no desprêso do luxo e das grandezas, e nas virtudes d'aquelle coração, que o céu nos deu como fugitiva amostra das perfeições celestes.

*Vitae summa brevis spem nos vetat inchoare longam.*

Julho de 1859

## CHARADA

Quem faz a primeira,                   2  
 Produz a segunda;                   1  
 Quem soffre a segunda,  
 É sempre a primeira.

Ha muitos homens,

Que o são por prazer,

Alguns por officio,

Outros por dever.

## 8 DE MAIO DE 1859

Sem liberdade não quero  
A terra dos meus irmãos.

F. G. D'AMORIM.

Artistas, aqui unidos  
Por laços de sancto amor,  
Dêmos culto á liberdade,  
Á do céu mimosa flor.

Com prazer, com alegria,  
Sem ter odio a ninguém,  
'Squeçamos o mal passado,  
Lembremos d'agora o bem.

Quem não lembra trinta e quatro,  
Quadra d'honra e de valor?  
Quem com ella não recorda  
Liberdade, paz e amor?

Soffreram muito, coitados!  
P'ra liberdade nos dar:  
Mas os nomes d'esses homens,  
Hão de do tempo zombar.

Nunca temeram cadeias,  
Bravos soldados da paz!  
Tão poucos, e assim valentes,  
Coimbra, nunca mais verás!

Se muitos de vós, amigos,  
Ereis soldados então!  
Haveis de sentir agora,  
Bater forte o coração.

Eia pois, é vossa a glória!  
Não vol-a queremos roubar,  
Bravos soldados, d'aquelles  
De não torcer, mas quebrar.

Com ser filho d'outra edade,  
De vós o sentir herdei;  
Fraternal e livremente  
Hoje comvósco direi:

Viva a paz e a liberdade!  
Aniquilem-se as facções!

Ninguem lembre tyranias,  
Ninguem recorde paixões!

Estes versos foram distribuidos na quinta do sr. Lopes, ao Alme-  
gue, no mesmo dia 8 de Maio, por occasião d'um jantar que os ar-  
tistas de Coimbra alli deram, celebrando assim a entrada do exercito  
liberal 'nesta cidade em 8 de Maio de 1834. Esteve a Philarmonica  
Conimbricense, e talvez mais de cem artistas. Assistiram tambem as  
auctoridades administrativas, o presidente da camara e os redacto-  
res dos jornaes — *Conimbricense* e *Tribuno Popular*.

### CHARADA

Tem da rosa alguma cousa,  
Qualquer rosto a póde ter; 1  
A duas partes de Lisboa  
Que se oppõe, bem podeis ver: 1  
São alladas creaturas  
Que costumam dar-lhe o ser. 2

Filho dos montes

À festa vem,

Trazendo flores

Cheirando bem.

## CHARADA

Camões, grande Camões! oh rei da lyra,  
 Que Portugal cantou, 'naquelle edade,  
 Em que o ser portuguez valia muito;  
 Não serias sem mim, melifluo vate,  
 Quem de Lysia ao porvir levasse o nome:  
 Nem fôra um hospital o extremo abrigo,  
 No tempo d'Emanuel, o venturoso,  
 Quem de teu estro a luz visse apagar. 1

«Estavas linda Ignez posta em socego,  
 Nos fresquissimos valles do Mondego,  
 Quando a um ledo viver crueis te furtam:  
 Teus dias d'ouro já murcharam rapidos,  
 Deixando na viuvez e na orphandade,  
 O esposo infeliz e os filhos caros:  
 E assim, linda Ignez, á campa fria  
 Teu corpo vae parar na flor dos annos. 2

Se muitos ao porvir transmittem gloria,  
 Que em forte pelejar ganhar souberam;  
 Com o escôpro e cinzel heroes cantando,  
 Heroe tambem se fez, que o diga a Italia.



A PRIMEIRA ACTRIZ PORTUGUEZA

## EMILIA DAS NEVES E SOUSA

Minha lyra, meus amores,  
Meu lindo jardim de flores,  
Delicias do meu viver,  
Dá-me um canto d'alegria,  
Cheio d'amor e poesia,  
Canto de mago prazer;

Que tenha jasmíns e rosas,  
Com açucenas formosas,  
Para o todo lhe alindar;  
Com saudades e com lirios,  
Mas que não tenha martyrios...  
Que esses têm máu denotar.

Tu, Mondego, que deslisas,  
Por baixo de frescas brisas,  
Mansamente para o mar;  
Dá-me as tuas verdes margens,

Dá-me essas dôces aragens,  
E o teu brando murmurar.

Fresca *Lapa dos Esteios*,  
Que, com suaves enleios,  
Prendes todos que a ti vão;  
Dá-me a suave frescura,  
Dá-me a tua formosura,  
Dá-me tua inspiração.

Inspirae-me verdes montes,  
Inspirae-me frescas fontes,  
D'esta Coimbra gentil;  
Afinae meu alaúde,  
Para em vez d'um canto rude  
Ser florente como Abril.

Mas, não; não, que a minha lyra,  
Não tem bem quem a desfira  
Para um hymno te cantar;  
Tu do genio tens a palma!  
Cinges os louros de Talma,  
Dispensarás meu trovar.

Que esta cith'ra desditosa,  
EMILIA, artista famosa,  
P'ra te dar cantos não tem;

Apenas, rendendo preito,  
 Põe a teus pés o respeito  
 D'um pobre artista tambem.

21 de Março de 1860

---

## CHARADA

Dos homens na sepultura,  
 Esta primeira encontrei: 1  
 E tambem se quero digo,  
 Outra já pronúnciei: 1  
 E para matar as ultimas  
 No Eufrates não pensei;  
 Foi 'num bem simples riacho,  
 Que a terceira e quarta achei. 2

---

Pois senhores, a cousa é facil,  
 Adivinhe quem quizer;  
 O que lhes digo sómente,  
 É que é nome de mulher.

## CHRISTO E O MORIBUNDO

Moribundo um usurario,  
 Perto da morte se via:  
 E a bem morrer o exhortava  
 Confessor, que lhe dizia:

— Perdõe a todos, amigo,  
 Tema de Deus o castigo,  
 Abrace irmão esta cruz —  
 Era um bello Sancto Christo,  
 Que o confessor lhe mostrava,  
 E que o velhote constricto,  
 Mui devoto contemplava.  
 2 — *Pouco vale, diz o doente;*  
*Mas se o irmão fica contente,*  
*Dou trez pintos por Jesus.*

## AU BORD DE LA MER

### MEDITAÇÃO

Eis aqui o mar. Eu te saúdo voz do eterno! Pre-  
goeiro da obediencia, salve!

Ha cinco mil oitocentos e sessenta e trez annos que,  
’nesse teu leito de penedos e d’arêa, trabalhas e gemes  
por ser livre, e de balde são sempre os teus esforços.

Quem é que te impede a passagem, quem te tolhe  
a sahida d’essas frageis algemas?

O poder de um nome pouco maior do que o teu;  
um nome que em si resumê os attributos — amor, po-  
der, vida, clemencia... DEUS!!

Não, não sahes d’ahi, porque assim mostras ao mundo  
com teus esforços e descompassado bramir, a imagem  
viva do soffrer e da obediencia.

Da obediencia? Não.

Porque tu, oh! mar, já desobedeceste ao teu Creador.

Na historia do mundo lê a philosophia em páginas  
cataclysticas a tua desobediencia.

Serás tu como o apocripho Judeu Errante, víctima do castigo do Senhor, por tua rebeldia?!

Como Ashaverus, deu-te o tribunal do inexoravel juiz essa sentença eterna — forceja e geme?!

Deus é justo.

Se por vezes já despedaçando as fracas barreiras que te prendiam, saltaste ufano por sobre montes e valles, mostrando ao homem atemorizado o teu poder, foi porque o Senhor te disse — marcha!

Foi elle que condoido dos teus queixumes te disse ainda, imprimindo-te a sua vontade — parte!

Busca outras serras, rega-lhes as plantas; procura outros valles, acorda seus echos: e deixa que no leito que foi teu, e que abandonas, rebente a crystalina fonte, nasça a odorifera planta, desabroche a linda rosa, e anime o astro rei a terra humida.

E tu, erguendo o collo iroso, reduziste ao nada as primeiras creações.

Depois, o sópro da Divindade, disse á tua obra — vive!

E do nada sahiu nova e mais perfeita criação; e tu destruiste ainda essa obra, e como essa tantas e tantas! Mysterios!...

Creou e anniquilou: *facta est voluntas sua.*

Mas que lucraste, oh! mar, se captivo além ainda suspiras e gemes como nó logar que foi teu primeiro leito de dôr? Nada.

Fizeste muitas victimas, e para que? Para continuares a ser victima tambem, escravo do Omnipotente!

Mas não importa; obedece a quem póde mais do que tu! Mostra ao homem, fragil creatura, a quem um sópro teu anniquila o sêr, o que é penar, o que é soffrer!

Ensina-os a serem obedientes; mostra-lhes, com teu exemplo, como se soffrem injúrias!

Esses homens, que te rasgam o seio com frangiveis barcos, são aquelles a quem tu dás riqueza e vida!

Salve, oh! mar!

Cópia da misericórdia Divina, eu te saúdo!

Figueira, 3 de Setembro de 1859.

---

A desgraça, manifestada mesmo pelas suas melhores faces, é muitas vezes precursora da ventura, que por tantos e tão diversos modos se apresenta, restabelecendo sempre este admiravel equilibrio, que preside aos destinos da humanidade.

CHARADA<sup>1</sup>

Na terra ninguem me encontra,

No céu, no mar, tambem não:

Só de tarde encrespo as ondas,

Se me não faltar acção. 1

Rasguei em trez uma página

Do livro do meu viver;

Duas mandei-as ao vento,

Tenho uma em meu poder. 1

Agora o fim da Charada,

Não sei bem se o conheceis;

Procurae nas mãos de Ceres,

Lá de espigas me achareis. 2

Roma patria d'heroës, entre seus filhos

Bem distincto logar me deu vaidosa:

Dos louros que Minerva aos seus concede

A historia me teceu c'rôa frondosa.

<sup>1</sup> Esta charada foi publicada, no ALMANACH DE LEMBRANÇAS de 1859, allonymamente assignada por —*Uma Conimbricense*. Como, porém, alli appareceu adulterada a definição da primeira syllaba, aqui a reproduzimos tal qual a escrevemos.



## O LAVRADOR E O MARINHEIRO

O terre, o mer... que vous avez des charmes!

LAMARTINE.

Disputavam certo dia,  
 Dous homens com grão calor;  
 Marinheiro um se dizia,  
 Era o outro lavrador.

Sôbre qual d'elles no mundo,  
 Mais dita podia ter;  
 Se o que sulca o mar profundo,  
 Se o da terra vinha a ser.

— Eu, nos prados que cultivo,  
 O lavrador assim diz;  
 E na choupana em que vivo,  
 Posso julgar-me feliz:

Tenho mil fructas diversas,  
 Por esses mezes além;  
 Tenho mil aves dispersas,  
 Nas balsas que os valles têm:

Tenho da tarde a frescura,  
 No sôpro da viração;  
 Tenho a fonte que murmura,  
 Na primavera e no verão:

Tenho campinas de flores,  
 Que a terra fértil me dá;  
 Variadas, de mil côres,  
 Como tu não tens por lá.

—

No seu cachimbo fumando,  
 O marinheiro o escudou:  
 Depois sorriu, e apontando  
 Para o mar, assim fallou:

— Com bom vento e a toda a vela,  
 'Nessa amplidão dou a lei:  
 Da fortuna co'a tutella,  
 No mundo do mar sou rei.

Se alli não tenho verdores  
 Variados como aqui,  
 Tenho ventos rugidores,  
 Tenho Deus que me sorri:

E aves mil industriosas,  
 Que trajam da noute a côr;

Que nas queixas lamentosas  
Semelham hymnos de dôr.

Tudo alli é grande, tudo!  
Como é fresca a viração!  
E'naquelle espaço mudo  
Como folga o coração!

'Nessas noites sem tormenta  
Na vasta extensão do mar,  
De nuvens a lua isenta  
Como é bello contemplar!

Da terra no fertil seio  
Podem teus dias ter fim;  
Que eu d'essas vagas no meio,  
Cova hei de achar para mim.

Tu morrerás descansado  
Nos braços dos que são teus;  
Que eu de todos ignorado,  
Sem ninguem, alli com Deus,  
'Nesse campo anillado,  
Em que o céu é retratado,  
—Morrerei entre dous céus!

## ODE

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

MANUEL LOURENÇO BAETA NEVES

O famoso Scipião rival d'Annibal,  
 Dos seus co'a ingratição com a injustiça,  
 Queria que os ossos seus em paz jazessem,  
 Longe da patria!

É que Roma, a pezar do seu imperio,  
 Na grande luta de facções imigas,  
 O valor esqueceu e até a honra  
 De muitos martyres.

E Carthago tremeu! e os seus soldados,  
 D'Africa ardente nos longinquos plainos,  
 De tão inclyto heroe bem conheceram  
 O valor bellico.

Mas hoje que dous mil e tantos annos,  
 As velhas gerações d'estas separam,  
 Como então, esquecer não pôde a patria  
 Os benemeritos.

Não pôde, porque o sol de novas eras,  
 Jesus, o Redemptor, á terra veio:  
 D'escravos fez irmãos, e pelos homens  
 Morreu no Golgotha!...

Pouco e pouco depois a san doutrina,  
 Pelo mundo correu: — fazei aos outros  
 O que para vós quereis — assim diziam  
 Os seus apóstolos.

Poderam através deoito seculos  
 Estas a nós chegar maximas sanctas,  
 A pezar da oppressão que lhes fizeram  
 Tyranos perfidos.

E a actual geração, vivificada  
 Co'a luz brilhante de tão meiga estrella,  
 Ha de agora fazer o que fizeram,  
 Romanos barbaros?

Não, não o ha de fazer, que a patria tua  
 O teu nome bem diz por toda a parte;

E ha de pelo porvir entrar sem mancha  
A tua gloria.

Ainda tempo virá, em que o vindouro  
Ha de ao neto dizer — vez esta obra?

Mandou-a aqui fazer de longes terras

Um teu patricio.

BAETA NEVES, dirá, viveu n'America,  
Foi um homen de bem como ha bem poucos;

Á indigencia acudiu, e a toda a Beira

Fez beneficios.

O céu lhe prolongou os bens e a vida,

E o céu agora lá o recompensa!

Sê bom como elle foi, se quer's da patria

Viver na historia.

## CHARADAS

É bem triste ver o homem

A quem faltar a primeira: 2

É lindo ver co'a segunda

Sobre o mar uma bateira: 2

—

O todo d'esta charada

Todos nós bem conhecemos:

Mas se agora a não matardes

Nós d'outra vez fallaremos.

—

A respeito de grandeza

A primeira podeis ver; 1

Com patos, bois e galinhas,

Segunda tambem obter. 2

—

Trinta quintas e dez soutos,

Com mais quarenta oliveas;

E ás vezes sem nada d'isto,

É que o meu todo encontraes.

## UMA ESTRELLA

Que estrella é essa que teus passós segue,  
Lua formosa na amplidão do céu?

Que, quando á terra teu clarão envias,  
Se mostra airosa a scintillar sem véu?

Cambiado em estrella, talvez numen seja,  
Que ande perdido só d'amor's por ti;  
Ou astro ignoto, que a teus raios prêso,  
Se mova e esforce por chegar a ti?

Nem Deus, nem astro, póde andar captivo,  
Seculos e seculos, a vagar por lá;  
Signal bemdicto é que á minh'amada  
Mostra que deve ter constancia cá.

Que assim como no céu, astro formoso,  
Á meiga lua nunca foste infiel;  
Assim na terra o meu amor não deve,  
Fugir tanto de mim, ser tão cruel.



## IMITAÇÃO DE VICTOR HUGO

(ODE XXVI DOS RAIOS E SOMBRAS)

Oh! vem quando eu dormir juncto a meu leito,  
 Vem, como a Pedro, Ignez vinha a sorrir;  
 Roco meus labios sôpro de teu peito...  
     Que a dar-te preito  
     Hão de se abrir!

Na frente pallida onde agora em fogo,  
 Negro sonho talvez sinto acabar,  
 Esse teu meigo olhar ergue a meu rogo...  
     Meu sonho logo  
     Ha de raiar!

Em meus labios depois o fogo acalma!  
 (Fogo d'amor que Deus quiz apurar)  
 Co'um beijo teu; de mulher toma a palma...  
     E então minh'alma  
     Ha de acordar!

## ACROSTICO

## NA SEPULTURA DE UM MENINO

Assim como a bonina que cortada  
 Deixa de linda flôr no prado a falta;  
 Em peito de teus paes deixaste, ó anjo,  
 Lembranças tristes do teu mimo e graças:  
 —llusão foi na terra a vida tua!  
 N'esta campa, em que jaz teu debil corpo,  
 O aroma espalhem rescendentes flôres.

## CHARADA

Na primeira se encontra a segunda;   2  
 A segunda nos leva á primeira;       2  
 —Póde o todo cozer a segunda,  
 Se a segunda apparecer na primeira.

## ROSA D'ABRIL

Formosa,  
Gentil,  
Florzinha  
D'Abri!

És no prado  
Mais louçã,  
Do que a aurora  
Da manhã.

O sol desponta,  
E alegre vem,  
Dar vida ao lirio  
E a ti também.

O jasmim cheiroso  
Começa a cheirar,  
E tu, flor mimosa,  
A desabrochar.

Todas ellas se animam  
Com esse almo calôr;  
E em troca agradecidas,  
Dão-lhe amor por amor.

Assim pois, ó linda rosa,  
 Já que é teu meu coração,  
 Vem ser minha, não te murches,  
 Ingrata não sejas, não.

Respirando a fragancia  
 Por quem só me perdi,  
 Quero ser teu captivo,  
 E acabar juncto a ti.

Porque és mais formosa  
 Que a casta cecem;  
 Teu mimo e graças,  
 Nenhuma flôr tem.

És mais que o lirio,  
 Mais que o jasmim,  
 Toda a belleza  
 Tens para mim.

Tua linda  
 Rubra côr,  
 Encadeia  
 Meu amor,

Formosa,

Gentil,

Florzinha

D'Abril.

## A TOMADA DE COIMBRA

1102 — 1064<sup>1</sup>

Era Coimbra em poder dos mouros, ha hoje perto de 795 annos, reinando aqui Cid Arabum Arabe.

Esta cidade, pela sua bella situação na margem direita do Mondego, foi sempre o objecto da cubiça e da ambição de todos os povos, que antes da monarchia invadiram e dominaram a península.

Tomada e arrasada por uns, retomada e reparada por outros, Coimbra, foi até á epocha a que nos reportâmos, por assim dizer tão desejada, como hoje é appetecida por muitas nações a sepultura de Christo nos logares sanctos.<sup>2</sup>

Era, pois, Coimbra uma cidade mourisca, quando a Fernando Magno de Castella lembraram a sua conquista.

Andava o anno de Cezar, de 1102, quando dous monges negros de Lorvão sahiram de seu mosteiro em direcção a Corrion, na Hespanha, aonde então se achava Fernando Magno, pretextando para isso uma romaria a S. Salvador d'Oviedo.

O motivo por que a occultas sahiam os monges, será conhecido, quando se souber qual a missão que juncto a Fernando I elles tinham a cumprir.

O poder do rei mouro de Coimbra era grande, mas grande era tambem o desejo, que tinham os christãos, de esbulhar a Cid Arabum Arabe do sceptro da rainha da Beira.

Coimbra, em posse dos christãos, seria um grande auxiliar, para que as terras circumvisinhas fossem cada uma por sua vez abraçando pelo crescente, a cruz do Salvador do mundo.

A fama, se mais bôcas tivera, com maior estrondo apregoaria, a esse tempo, o nome e as façanhas de Fernando Magno de Castella.

O mosteiro de Lorvão, situado a duas leguas de Coimbra, em um fundo e fresquissimo valle, era o mais seguro asylo, que tinham então os christãos 'nestas terras de Coimbra.

Era, pois, natural que, cercados como estavam de mouros, soffressem muitas vezes insultos e injúrias a tão numerosos inimigos, e nutrissem ao mesmo tempo desejos de sacudir tão pesado jugo.

Foi, portanto, como dissemos, a pretexto d'uma romaria a S. Salvador d'Oviedo, que El-Rei de Coimbra consentiu aos dous monges de Loryão o sahirem de suas terras.

Chegados a Corrion os dous frades, fallaram a Fernando Magno, e lhe mostraram a propicia occasião que tinha, como acerrimo fautor do christianismo, de conquistar agora tão bella cidade.<sup>3</sup>

Com effeito, em Janeiro de 1064, já as hostes de Castella pisavam terras de Coimbra, e faziam tremular suas sinas e balsões, entregando-as ás brisas do Mondego.

Longo e aturado foi o cêrco começado em 19 de Janeiro. Os mouros, bem guardados por fortissimas muralhas, zombavam do poder Castelhana ainda em Julho, sem mesmo darem aos de fóra a esperança de tardia conquista.

Desanimado Fernando Magno, e cansado já o seu exercito com tantas luctas<sup>4</sup> e falta de viveres, havia mandado lançar pregão para que, se dentro em tres dias não apparecesse soccorro, cada qual se fôsse a suas terras, que elle Fernando Magno desistia da empresa e levantava o cêrco.

Sabendo isto o abbade de Loryão, correu em auxilio de suas tropas, com bois e carneiros de suas manadas, e milho e trigo de seus celleiros.

Fortificado assim o exercito, colheu novo alento, e o assalto continuou mais formidavel e acelerado, e, ou fôsse pelo grande valor e bravura dos christãos, ou por arruinamento de seus muros, <sup>5</sup> Coimbra cahiu em poder de Fernando Magno, a 9 de Julho de 1064, depois de seis mezes de cêrco. <sup>6</sup>

O rei de Coimbra combateu ainda no dia seguinte mettido no seu castello, <sup>7</sup> e só se rendeu a Fernando Magno com a condição d'elle lhe poupar a vida.

Rijas festas se fizeram então' nesta neophita christã! Na sua mesquita grande, sagrada logo sob a protecção de Sancta Maria, foi que o valente Fernando Magno, rei de Castella, Aragão e Portugal, armou a novecentos cavalleiros, entre os quaes, ao famoso Ruy Dias de Bivar (o Cid) que o acompanhou, bem novo ainda, em todos as suas conquistas em Portugal.

Agradecidos os monges por se verem senhores de Coimbra, <sup>8</sup> offereceram a Fernando Magno uma corôa, que possuiam por munificencia real. Não quiz El-Rei acceitar-lh'a; antes, depois de os aconselhar a que fizessem d'ella uma cruz para o seu mosteiro, lhes deu a egreja de S. Pedro.

Assim postas as cousas, deu Fernando Magno o governo do districto de Coimbra ao conde D. Sesnando; e no anno seguinte levou suas armas vencedoras até á extrema meridional da Hespanha mussulmana. <sup>9</sup>



D'esde então Coimbra,<sup>10</sup> a rainha do Mondego,<sup>11</sup> a princeza da Beira, que tão airosa se pavoneava na fresca encosta, nunca mais sahiu do poder christão.

Agosto de 1859

<sup>1</sup> 1102, era de Cezar na Hespanha ; 1064, era vulgar.

<sup>2</sup> É sabido que a causa da guerra do oriente foi querer a Russia possuir as chaves do Sancto Sepulchro, que a Turquia lhe negava.

<sup>3</sup> Diz o sr. Alexandre Herculano, na sua historia de Portugal, que Sesnando, ou Sisenando, filho de David, senhor de Tentugal, e de outras terras no territorio de Coimbra, introduzindo-se na côrte de Sevilha, no tempo de Ibn-Abed, chegou por seu talento a occupar alli o cargo de wasir, ou diwan, ministro do supremo tribunal do emir, e que por offensa que lhe fizeram os Sarracenos, fôra elle quem persuadiria Fernando Magno a tomar Coimbra aos mouros.

<sup>4</sup> Não eram só os cuidados da conquista, que muito incommodavam o exercito de Castella, senão um valoroso mouro, por nome *Abudado*, senhor de muitas terras em Portugal, que, durante o cêrco, muito cançou os de Fernando Magno, desde Leiria até Coimbra.

<sup>5</sup> A. Herculano.

<sup>6</sup> Um dos pontos mais controvertido de chronologia é a epocha da tomada de Coimbra, por Fernando Magno. Comtudo, a opinião, mais geralmente acceita, é a que se aponta acima.—A. Herculano.

<sup>7</sup> Nada existe já d'este castello, cuja fundação se attribuia a Herculules.

<sup>8</sup> O predecessor de Cid Arabum Arabe, no governo de Coimbra, já tinha comtudo, dado aos monges de Lorvão, ampla entrada 'nesta cidade.

<sup>9</sup> A. Herculano.

<sup>10</sup> *Munda*, dos antigos.

<sup>11</sup> Coimbra foi primeiro chamada Colibria; do latim *Colis* — *imbrium* — outeiro de chuvas.

## APOLOGIA DE S. FRANCISCO

Em um pulpito repimpado,  
 Um gordo frade dizia:  
 S. Francisco Xavier,  
 Grandes milagres fazia;  
 Em qualquer ilha deserta  
 Seis mil homens convertia!

## CHARADA

Em campos d'Aljubarrota  
 Batalhou por D. João,  
 Pelas damas que lá tinham  
 De cada qual o coração.      2

A cousa todos a comem  
 Feita em bocados primeiro;  
 É fructo bem conhecido  
 Mesmo por ser chocalheiro.      1

---

Dos muitos que outr'ora povoaram Lysia,  
 Estes são uns que sempre aponta a historia:  
 Cindasunda nas armas de Coimbra,  
 De seu monarcha nos transmite a gloria.

## A GARIBALDI

Alexandre nos cantos da gloria  
 D'alto heroe tem o nome brilhante:  
 Vive Cezar da historia nos fastos:  
 Bonaparte nas bôccas da fama,  
 Ao porvir é fanal de coragem:  
 E estes homens não vivem, são mortos!

Assim pois Garibaldi, o guerreiro,  
 Em Palermo, em Milazo e Messina,  
 Viu prender o seu nome ao futuro  
 Pelas tubas sonoras da fama,  
 Que, galgando montanhas e mares,  
 Acordaram os echos ubiques,  
 Já na Europa, já n'Asia, no mundo!

Garibaldi, criado entre as ondas,  
 Viu no berço reinar liberdade:  
 Viu que as aguas colleando vaidosas,  
 Lhe embalavam seu corpo tão fragil;  
 Viu que as ondas extinctas morriam,  
 Porque as ondas nascentes vivessem;  
 Viu ao longe voar livre o alcyon  
 Sobre os mares pod'rosos, suberbos!

E em seu berço que livre boiava,  
 E nas ondas que livres se erguiam,  
 E no alcyon que livre voava,  
 Garibaldi aprendeu liberdade!

Homem feito queimou-lhe os incensos,  
 Empenhando por ella os seus dias,  
 Já em Roma, Varese e n'America!

Viu as aguias famintas da Austria  
 De Turim dominar as campinas;  
 Toma a espada, seguido por bravos  
 Ao encontro lhes corre apressado;  
 E essas aguias que altivas voavam,  
 Vassalando cidades e aldêas,  
 Ante si vê fugir dispersadas  
 Nos recontros em que ás mãos vieram.

Viu em ferros além gemer Napoles,  
 Sob o pêso cruel dos tyranos:  
 Ergue a fronte soberba, invencivel!  
 E fictando no mar a Sicilia,  
 Com uns centos de bravos lá corre,  
 E do jugo bourbonico a salva!

O seu nome é de magico encanto  
 'Nessa terra escolhida do genio;

Surgem lá milhar's d'homens valentes  
A seu brado, que os chama a ser livres:  
E do fertil paiz, que mostra o Etna,  
Aos confins mais remotos do mundo,  
Sympathias ahi tem Garibaldi!

Destas margens virentes do Munda,  
Faço ao Céu, meu valente guerreiro,  
Com ardor, com vehemencia este voto:  
— Teu viver abrilhantem os fados  
D'esses louros, que colhes á sombra.

20 de Setembro de 1860

## CHARADA

Se os meus extremos formarem

O elemento que uma tem,

Então sou pobre captiva,

Sem marido, triste mãe. 1

Na Asia ninguem me encontra,

E na Europa tambem não;

Sou vista porém n'America

Em qualquer occasião. 1

Sou dos poços e cisternas,

Se o meu fim fôr como é;

Que se acabo em ó sou inculto,

Passa por ponto de fé. 2

---

Valentes hostes a seu brado erguidas,  
 Livres combatem só por livres ser;  
 Em cem batalhas elle e os seus unidos,  
 Fazem nos thronos mesmo os reis tremer.

Julho de 1860.

## A BORBOLETA E A LUZ

Porque buscas borboleta  
 'Nessa luz achar a morte?  
 Se os teus dias ahi findam,  
 É bem triste a tua sorte...

Serás tu por esse fogo  
 Fascinada, seduzida?  
 D'esse brilho que te encanta,  
 Foge, foge que és perdida...

Que fizeste desgraçada?!  
 Quem te ha de agora valer?  
 Se as tuas azas douradas  
 Alli as foste perder?!..

— Ai! feliz da humanidade,  
 Se ao encanto, á seducção,  
 Sem pensar não dêsse ouvidos,  
 Não rendesse o coração!

1856.

## CHARADAS

Uma só vez no universo  
 Tu me podes encontrar,  
 E, juncta a curto appellido,  
 Mulher má te ha de soar. 1

Ao Deus, que ás festas nocturnas  
 Costumava presidir,  
 E aos enfeites das mulheres,  
 Buscar esta podes ir. 1

Já se dava o imperio d'Asia,  
 P'ra existencia me roubar;  
 Só heroe que venceu Tyro,  
 Meu viver poudé acabar. 1

Se te fizer concordancia  
 Com quatro, que são meu sêr,  
 Não te será mui custoso  
 Em qualquer piano a vêr. 1



Se o grande *Bacho* me ajuda,  
 Ao vicio arrasto o mortal;  
 E até impondo silencio  
 Sou parte grammatical. 1

---

Tiro o nariz a S. Pedro,  
 E a cabeça a S. Simão;  
 Furto uma perna a S. Paulo,  
 Quebro a cara a S. João.

---

Às direitas é pequeno,  
 Da belleza oriundo;  
 Às avessas 'noutros tempos,  
 Deu as leis a todo o mundo. 2

É lá no v'rão, ás direitas,  
 Bem precisa ao lavrador;  
 Às avessas com um ésse,  
 Lá no Céu é morador. 2

---

O fructo d'esta charada,  
 Tem o fructo bicolor;  
 E, acabando 'num terreiro,  
 Tem origem no amor.

## ODE

A HERRMANN

Ergue a fronte immortal, sábia Germania!  
E a par de Krause, de Leibnitz e tantos;  
Com fúlgidos signaes inscreva o nome  
D'Herrmann, a historia.

A Europa inteira percorrendo intrépido,  
E mais tarde depois rasgando os mares,  
O nome d'Herrmann com ruído echôa  
Até n'America!

Do frígido paiz que banha o Neva,  
Aos ferteis campos que o Mondego lava,  
Qual ignea cauda de cometa ingente  
Lhe fica a gloria.

Ficam-lhe as provas do assombroso genio  
Em maga admiração por toda a parte,  
E as do bom coração com que á pobreza  
Enxuga as lagrimas.

Salve! talento que o universo espantas!  
 E, ante quem vem curvar-se e render culto,  
 Aquelles mesmos que do' solio descem  
 Como teus subditos.

A lyra fragil, que dedilho a custo,  
 E os fracos dedos que lhe pedem notas,  
 Apenas junctam com rasteiro metro  
 Ode bem simplice.

Pobre de gallas, de minh'alma é filha,  
 E a ti a voto com submissa vénia:  
 Nasceu da admiração, deu-m'a o respeito  
 Pelo teu mérito.

Dezembro de 1859.

## NO DIA

DA DESTRUIÇÃO DE JERUSALEM POR TITO <sup>1</sup>

Foi d'além sobre aquella collina,  
 Que eu te vi, ó altiva Sião,  
 Quando foram despojos de Roma,  
 Esses templos lançados no chão.

Quando as chammas sahindo das ruinas,  
 Espantaram meu ultimo olhar;  
 Quando vi tuas aras partidas,  
 Para sempre no pó desabar.

Quando a casa paterna meus olhos  
 Entre as chammas buscaram em vão,  
 E olvidei por um pouco contente  
 A d'escravo, fatal condição.

Não vi mais do que chammas e homens  
 Entre ferros captivos jazer:  
 Por vingança este povo opprimido,  
 Aos Romanos oppondo o soffrer.

Vi o raio final d'esse dia,  
 A collina saudoso deixar;  
 E segui com meus olhos a noute,  
 Que este quadro me vinha occultar.

Por que o raio não vem e o corisco,  
 O Romano esmagar vencedor?  
 Sacudir de Solima as algemas,  
 A cidade guardar do Senhor?

Jehovah! tuas aras sagradas,  
 Nunca, nunca hão de ser do pagão:  
 Nossas preces humildes são tuas,  
 A ti vôam, ó pae d'Abrahão!

Coimbra 1856.

<sup>1</sup> Imitação de uma traducção em prosa franceza das Harmonias de Byron.

CHARADA

Tendo duas o meu todo,  
 Dá indícios de uma só;  
 A solidão em que eu vivo  
 Deve a todos causar dó. 1

Tenho duas, tenho quatro,  
 Mas um só quero dizer;  
 Sou de dous e sou de duas  
 E o que eu sou posso não ter, 2

Andem lá por onde andarem,  
 'Nelle quatorze só ha;  
 E apesar d'esta certeza,  
 Que tem mais, alguém dirá.

LUIZ XVII<sup>1</sup>

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

DR. FRANCISCO DE CASTRO FREIRE

(Como eximio traductor de Lamartine)

Do Ceu as portas d'ouro então se abriram;  
 Os lumes do Senhor lá se avistaram,  
 E luziram sem veu os Ceus por um pouco;  
 Brillhantes esquadros se viram lúcidos,  
 E uma alma joven vir entre dous anjos  
     'Té aos porticos d'estrellas.

Fugitivo do mundo era um menino:  
 Da desgraça no olhar signaes trazia;  
 Beijava-lhe o cabello as faces pallidas:  
 Córos de virgens com festivos canticos,  
 Da innocencia a c'rôa em sua fronte uniam  
     Com as palmas do martyrio.

E entre as nuvens depois, fallas se ouviram:  
 — Anjo, Deus te sorri ao nome candido;  
 Vem, pr'a não mais saír, entra em seus braços;  
 E vós, que do Senhor cantaes louvores,  
     Anjos, Seraphins e Archanjos,  
 Curvae-vos ante um rei, cantae um martyr.

— Aonde foi que eu reinei? pergunta o anjo:  
 Hoje já rei não sou, sou prisioneiro:  
 Em sombria prisão dormi aind'hontem;  
 Mas onde reinei eu?! ó Deus! dizci-m'ó.  
 Martyr soffreu meu pae bem cruel morte;  
 Seus algozes, Senhor, de fel me encheram:  
 Vi no Céu minha mãe, quando eu sonhava,  
 Mostrae-m'a, quero-a abraçar.

E os anjos lhe disseram — Deus, amando-te,  
 Chamou tua alma d'esse mundo d'impios;  
 Foge de quem não quer a Cruz intacta,  
 E d'onde o matador 'té desce ás campas,  
 E alli, ávido d'horrores,  
 Em procura dos reis revolve a terra.

— Que! Pois do meu viver cheguei ao cabo?!  
 E o meu soffrer findou, oh! Deus? — diz elle.  
 D'este sonho celeste hão de os algozes,  
 Acordar-me amanhã captivo em ferros?  
 Quer Deus valer-me em fim: muito hei soffrido,  
 Das minhas afflicções pedindo o termo.

Mas não sonharei eu?! serei já livre?  
 De morrer teria a dita?...

É que vós não sabeis quanto hei soffrido!  
 Nem um dia feliz contei no mundo!...



Não tinha minha mãe, quando eu chorava,  
 P'ra aos meus gritos cantar, rir dos meus prantos:  
 De um castigo sem fim, vítima debil,  
 De minha haste sem dó fui arrancado:  
 Joven, proscripto fui; crimes não tenho,  
 Que no berço commettesse.

Escutae pois: de ha muito na memoria,  
 D'esses tempos de paz lembranças guardo:  
 No berço foi que ouvi fallar de gloria...  
 Velava então por mim um povo alegre.  
 Ai!... mas tudo se foi... negro mysterio...  
 Sorria-me o porvir... foi-se tambem!...  
 Eu era uma creança, e já na terra,  
 Ai de mim! tinha inimigos!...

Em funebres prisões entrei com vida;  
 Nunca mais vi o sol!... só prantos sempre...  
 Irmãos, anjos do céu, corri a vêr-vos,  
 Como fizestes a mim, quando eu dormia.

Foram em tredas mãos meus dias murchos;  
 Mas, a desgraça, ó Deus, dos máus é socia:  
 Não como elles, Senhor, ouvi meus rogos,  
 Que é por elles que vos peço.

E os anjos cantam: — vem, sem véu é tudo;  
 Em teu rosto has de vêr formosa estrella:

Terás azas d'azul d'anjos vermelhos:  
 Comnosco has de embalar o infante em lagrimas,  
 Ou, na sua estancia ardente,  
 Seus dias remoçar de luz co'um sôpro.

Cessou tudo: e os eleitos escutaram:  
 Já de muito chorar seus meigos olhos,  
 Para a terra os baixou enternecidos:  
 Dentro dos mudos Ceus quedaram mundos;  
 No infinito se ouviu a voz do Eterno.

— De grandezas, ó rei, livre-te sempre:  
 Do throno entre os grilhões abrigo achaste,  
 Meu filho, benzo os teus sonhos.  
 Captiveiro de reis sempre ignoraste,  
 Nem diadema jámais pisou tua fronte  
 Se arroxados tens os pulsos:

Filho, do teu viver curvaste ao pêso;  
 E a terra ainda assim d'esp'rança e inveja,  
 Cercou teu berço dourado!

Oh! vem! que tambem eu já soffri muito!...  
 Meu filho, como a ti, cercaram espinhos,  
 E teve um sceptro de rosas!

<sup>1</sup> Esta poesia foi traduzida, ou, melhor, imitada de Victor Hugo, ha hoje quatro annos. A difficuldade com que se lucta 'nestas cousas, desculpará os defeitos, e a temeridade de quem se abalançou a tanto.

CHARADA<sup>1</sup>

Contando tres o meu todo,  
 Faz parte d'um que tem seis:  
 E se a conta fôr bem feita,  
 Quatro apenas lhe achareis. 1

Porém cinco que me formam,  
 Apenas vinte contem;  
 Umas cem dão estas vinte,  
 Com mais quinhentas tambem. 2

—  
 Pouco mais ou pouco menos,  
 Quarenta o todo contem;  
 Mas que tem seis e tem oito,  
 Não o duvide ninguem.

<sup>1</sup> Esta charada tambem já foi publicada no ALMANACH DE LEMBRANÇAS para 1859

OURO E PESTE<sup>1</sup>

(CONTO)

Queres ouvir uma historia  
 Meu neto? senta-te aqui;  
 Toda ella é verdadeira,  
 Já em pequena a ouvi;  
 Contava-m'a um sancto velho,  
 Como eu t'a conto a ti.

—Conte, conte de caminho,  
 Muito gosto de as ouvir;  
 E até prometto avósinha,  
 De nem co'um dedo bulir.

## I

'Nesses tempos que passaram,  
 No Castello da Ladeira,  
 Vivia o Conde D. Nuno,  
 Nuno Martim da Silveira.<sup>2</sup>

O conde tinha uma filha,  
 Que Auzenda por nome havia;  
 Era todo o seu encanto  
 Pela mãe, que não vivia.

D. Auzenda da Silveira,  
 Deseseis annos só tinha;  
 Mas castellã mais perfeita  
 Nunca se fez tão asinha.

Queria-lhe muito D. Nuno,  
 Amava-a do coração;  
 Mas de que ella o merecia  
 Resam chronicas d'então.

Os fidalgos, 'nesses tempos,  
 Iam ver Jeruzalem:  
 'Nessa cruzada tão sancta  
 D. Nuno lá foi tambem.

Aos cuidados d'uma aia  
 A querida filha deixou;  
 E em prol do sancto sepulchro  
 Á Palestina passou.

Depois, andaram seis mezes  
 P'lo Castello da Ladeira;

Mas sem noticias do Conde  
Nuno Martim da Silveira.

Um dia em que D. Auzenda  
No seu jardim passeava,  
Quando colhia uma rosa,  
Busina ao longe soava.

Era então no mez das flôres;  
Rescendia o jasmineiro;  
Por entre moutas de trevo  
Do nardo sahia o cheiro.

Á sombra de fresca rama,  
D. Auzenda se assentou;  
E olhando a flôr com ternura,  
Em seu peito a flôr guardou.

O sol já ia bem alto,  
E ella ainda alli sentada;  
Co'os olhos fitos na terra  
Dos jardins par'cendo a fada.

Por traz d'espessa folhagem,  
D. Auzenda ouviu ladrar;  
E'nisto, d'alli bem agil  
Um mastim viu retouçar.

Treme a donzella assustada,  
Do jardim quer já fugir,  
Quando gentil cavalleiro  
A seus passos vem sahir.

As largas vestes que o cobrem,  
O fazem d'alta semel;  
A curta espada que o cinge  
Mostra um filho d'Ismael.

— Perdoae, nobre condessa,  
O susto que vos causei;  
A tal hora, e 'neste sitio,  
Que não me esp'raveis bem sei.

Nem eu tão pouco contava,  
Achar-vos senhora aqui;  
E em vez do gamo ligeiro  
Topar tão celeste huri.<sup>3</sup>

Contou-lhe, que andando á caça,  
Alli viera perdido;  
Que os homens que o acompanhavam  
D'elle se haviam sumido.

E o que mais lhe disse o mouro,  
Meu neto, não sei ref'rir;

Só que a flôr que ella colhêra  
Acabou por lhe pedir.

Em tróca deixou-lhe um cofre,  
Todo d'ouro e de marfim;  
E lhe disse soluçando,  
— Lembrae-vos sempre de mim.

— Esta joia preciosa,  
Deu-a a meu pae, minha mãe;  
Meu pae á hora da morte,  
Confiou-m'a a mim tambem.

— Tenho d'abrir esse cofre,  
Quando vinte annos contar;  
Só depois da meia noute,  
E antes do gallo cantar.

Depois Analfi, o mouro,  
Da castellã se ausentou;  
Mas pelo Kaaba sagrado,<sup>4</sup>  
De voltar breve jurou.

## II

Dobram os sinos na torre  
Do Castello da Ladeira;



P'la morte do velho Conde,  
Nuno Martim da Silveira.

'Num recontro co'a mourisma,  
Seus velhos dias findou...  
Foi um velho paladino  
Quem tão má nova contou.

E ahi fica D. Auzenda,  
Orphã de pae e de mãe;  
Rica dos bens da fortuna,  
Rica d'encantos tambem.

Muitos gentis cavalleiros  
Lhe vêm requestar a mão;  
Mas a todos, a donzella,  
Responde sempre que não.

Alguns diziam que Auzenda  
Do mundo não queria ser;  
Que, pois que seu pae perdêra,  
Só lhe restava morrer.

Outros deitavam peçonha  
No viver da castellã;  
Crendo que falsos amores,  
Tinha um pèrro co'a christã.

Razão, até certo ponto,  
 Tinha quem pensava assi';  
 Porque juras eram feitas  
 Entre Auzenda e Analfi.

Mas que juras essas foram,  
 Isso não soube ninguem;  
 Porque o mouro, 'nessas cousas  
 Nem sequer fallou tambem.

Andou talvez por dous mezes  
 Que p'la má nova passaram,  
 E nunca do mouro ausente,  
 Noticias a cá chegaram.

Trajando do lucto as vestes,  
 Sae Auzenda ao seu jardim;  
 Cuidosa leva comsigo  
 O cofre d'ouro e marfim.

Já não sendo a vez primeira,  
 Em tôsca pedra se assenta;  
 Fita os olhos no horisonte,  
 Verte pranto e se lamenta.

— Justos Céus! poupae-lhe a vida,  
 Começa a triste a dizer:

— Pae e mãe já m'os lá tendes,  
Quem hora me ha de valer?

E 'nisto, fervente prece,  
Joelhada aos céus envia:  
Na terra fallava Auzenda,  
Mas no céu Deus a ouvia.

— De que me serve, diz ella,  
Conservar este penhor;  
E no cofre precioso  
Attentava com amor.

— Que tens tu, ó cofre amigo,  
Ai! que tão callado estás?  
As mãos que te possuiram,  
Como eu nunca mais verás.

— Já não ha rosas no prado,  
Nem alecrim p'ra florir;  
'Neste peito amargurado  
Só ha penas p'ra curtir.

### III

Que festas vão tão luzidas  
No Castello da Ladeira?

São as bôdas da condessa  
D. Auzenda da Silveira.

O mouro por quem se esperava  
Voltára a pedir-lhe a mão;  
E voltára renegado,  
De mouro feito christão.

P'ra celebrar o consorcio,  
Dos dous amantes fieis;  
Concorrem dê toda a parte  
Os bardos e os menestreis.

Tudo é prazer e festa,  
Tudo é rir, tudo é folgar:  
E as mais linguas já não fallam,  
Pois não têm de que fallar.

Ao cabo de bons tres dias  
Acabou toda a funcção;  
É casada D. Auzenda  
Co' o mouro feito christão.

---

— Este conto é verdadeiro,  
Já em pequena o ouvi;  
Contava-m' o um sancto velho,  
Como eu t' o conto a ti.

— Pois não gosto nada d'elle,  
 Que tão mal acaba assim;  
 Os contos que a avó me conta,  
 Costumam ter outro fim.

— É verdade, mas a historia  
 Ainda aqui não acabou;  
 'Stá calladinho, meu neto,  
 E ouve mais o que passou.

— Muitos dias decorreram  
 Depois que Auzenda casou;  
 E esse tempo venturoso  
 Nenhum desgosto offuscou.

No Castello da Ladeira,  
 Nova festa se vae dar;  
 Porque apenas quatro lustros,  
 Vae Analfi completar.

Ia a noute adiantada,  
 Quando a funcção se acabou;  
 Quando Auzenda e o renegado  
 Para os seus quartos entrou.

Perto d'Auzenda assentado,  
 Analfi fallava assim:



Dous annos se fazem hoje,  
Que eu te vi no teu jardim.

Prêso por esses teus olhos,  
Foi p'ra sempre que fiquei;  
Captivo por teus encantos,  
Da minha fé reneguei.

Dous annos tinha de vida,  
Quando perdi minha mãe;  
Quando tres lustros contava,  
A meu pae perdi tambem.

Uma rosa que me deste,  
Foi a minha perdição;  
Ouve, ó qu'rida da minh'alma,  
Ouve a minha confissão.

Às portas do paraizo,  
Meu pae me fallou assim:  
— Guarda, meu filho, este cofre,  
Lembra-te sempre de mim.  
— Quando fizeres vinte annos,  
Has de o segredo quebrar;  
Só depois da meia noute,  
E antes do gallo cantar.

— Se fores fido ás tuas crenças,  
 Longa vida has de viver;  
 Se amares christã donzella,  
 Em breve tens de morrer...

== A meu pae perdi p'ra sempre,  
 Perdi-me para sempre a mi';  
 Da sua final vontade,  
 Tredo filho me esqueci.

O relógio, amada Auzenda,  
 Duas horas fez soar:  
 Vamos abrir esse cofre,  
 Antes do gallo cantar.

E Analfi abriu o cofre,  
 O cofre que o pae lhe deu;  
 E achou dentro um pergaminho,  
 Que por esta forma leu:

«Sóbe filho, á Tôrre Negra

«Do teu Castello d'Alfrem:

«Vae, vae sem detardança,

«Quem t'o pede é tua mãe.

«Lá, has de ver na parede

«Aureo alfange pintado;

«Has de tocar-lhe no punho,  
«Pós do gallo ter cantado.

«Ha de se abrir 'streira porta,  
«Que tu, filho, tens d'entrar;  
«Riquezas, riquezas grandes,  
«Á tua esquerda has de achar.

= Eu vou, pois, Auzenda minha,  
Ao meu Castello d'Alfrem,  
Ver o thesouro escondido,  
Por mando de minha mãe.

— Analfi, ó meu amado,  
Eu contigo quero ir;  
Quero ver tuas riquezas,  
Quero-as contigo fruir.

E eil-o ahi vae por'hi fóra,  
Por mando de sua mãe,  
Ante si com D. Auzenda,  
Sobre um leve palafrem.

Chegaram breve ao Castello,  
Á Torre Negra subiram;  
E pelo alphange pintado,  
Logo a porta descobriram.



Enchergaram para a esquerda  
 Dous caixões de pedra escura;  
 'Num d'elles em letra moura,  
 Estava posta esta escriptura:

*Um muita riqueza encerra;  
 O outro peste só tem:  
 Se abres aquelle és ditoso;  
 Mas d'este não escapa alguém...*

—Fujamos d'estes logares,  
 Diz D. Auzenda a tremer;  
 Deixa, deixa essas riquezas,  
 Anda comigo viver.

—Isso não, Auzenda querida,  
 Minha sina hei de cumprir;  
 Parte e deixa o renegado,  
 Que um dos caixões vae abrir.

—Ninguem mais já tem no mundo,  
 Quem seu pae e mãe perdeu;  
 Ó Analfi de minh'alma,  
 Deixar-te não deixo eu.

—Foi por mim que renegaste,  
 Que trahiste a tua lei...  
 Se teus dias ahi findarem,  
 Eu contigo morrerei.

E um dos caixões foi aberto,  
 Pelas mãos do renegado....  
 Que prestes caiu sem vida,  
 Co'a sua Auzenda abraçado...

Pós do mouro, ainda se conta,  
 Sem vida no chão cahir;  
 No alto da Torre Negra  
 Esta voz se fez ouvir:

— Tua morte prematura,  
 É castigo do Senhor:  
 Quer a Deus, quer á familia  
 Ninguem deve ser traidor.

—  
 É bem bonito, avósinha,  
 Agora digo que sim;  
 Os contos que avó me conta  
 Costumam ter este fim.

<sup>1</sup> A crença que existe n'algumas terras da Beira, é que nos moveu a escrever este conto, no qual não fizemos mais do que vestir com os pobres andrajos que tínhamos, a tão popular crença das mouras encantadas, e dos dous caixões, cheios, um de peste, outro de infinitas riquezas.

<sup>2</sup> Nuno Martim da Silveira foi escrivão da puridade d'El-Rei D. Affonso V; pedimos perdão do anachronismo que comettemos, anticipando-lhe a existencia um bom par d'annos.

<sup>3</sup> Virgem, das que Mohammed povôa o seu paraíso.

<sup>4</sup> Templo famoso em Meca, aonde os Arabes vão muitas vezes em peregrinação.

## A LAPA DOS ESTEIOS

(FRAGMENTO)

Natureza, como és bella  
'Nesse teu mudo fallar!  
Não sabe, nem póde o homem  
Teus mysterios penetrar!

Que dirá o sol ás flores,  
Quando as vem desabrochar?  
Que dirá o vento ás aguas  
Quando as faz encapelar?

Que dirá a lua aos campos  
Á noute no seu brilhar?  
Que dirá o fresco orvalho  
Ás folhas que vem molhar?

São segredos que não podem  
Os mortaes descortinar;  
Á terra não veio ainda  
Quem os possa decifrar...

Fresca Lapa dos Esteios,  
 Tua paz não sei cantar;  
 Soltarei só falsas notas  
 No meu rasteiro trovar.

Maio de 1856

## CHARADA

Ás direitas é precisa,  
 Onde estiver o canhão:  
 Qualquer que me ler ás vessas,  
 Acha-a no tigre e no cão. 2

Todos sabem que sem ella,  
 Não ha quem possa viver;  
 E que depois, invertida,  
 'Té a Camões fez tremer. 2

—  
 Sem ser palavra na essencia,  
 Costuma o silencio impôr:  
 Efeito d'um movimento,  
 Prova-o mais o fallador.

FIM.



# INDICE

	Pag.
Goes . . . . .	1
Saul . . . . .	10
Charadas: 14, 34, 37, 38, 41, 46, 53, 56, 68, 70, 71, 76, 81, 98	
À Sé Velha de Coimbra . . . . .	15
Monte-Mór o Velho . . . . .	20
À morte da Ex. <sup>ma</sup> Sr. <sup>a</sup> D. M. C. C. de V. . . . .	25
O homem nasce . . . . .	28
A Mr. Herrmann . . . . .	29
Aos que festejam annos . . . . .	30
Allegoria . . . . .	31
8 de maio de 1859 . . . . .	35
À primeira actriz portugueza . . . . .	39
Christo e o moribundo . . . . .	42
Au bord de la mer . . . . .	43
A desgraça . . . . .	45
O lavrador e o marinheiro . . . . .	47
Ode, ao Ill. <sup>mo</sup> e Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. L. B. N. . . . .	50

	Pag.
Uma estrella . . . . .	54
Imitação de Victor Hugo . . . . .	55
Acrostico . . . . .	56
Rosa d'AbriI . . . . .	57
A tomada de Coimbra . . . . .	60
A Garibaldi . . . . .	65
A borboleta e a luz . . . . .	69
Ode, a Herrmann . . . . .	72
No dia da destruição de Jeruzalem . . . . .	74
Luiz XVII. . . . .	77
Ouro e peste . . . . .	82
Lapa dos Esteios . . . . .	97





Pres - Books